

PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NA INFÂNCIA¹

GUSTAVO BEILKE^{2,3}, AUREA M. F. T. CLAUDIO⁴, BRENO S. GOMES⁴, CARLOS A.
M. CALLOU⁴, GABRIEL H. B. BENVEGNU⁴, LUANA F. NEUBERGER⁴, MILENA
WENDLER⁴, VANESSA TOMÉ⁴, VINICIUS S. BERGAMONI⁴, ATHANY GUTIERRES⁵

Introdução

A linguagem corresponde a uma função cortical superior e seu desenvolvimento está atrelado a uma estrutura anatomofuncional geneticamente determinada e à estimulação verbal do ambiente (Castaño, 2003). O percurso de aquisição da linguagem parece ser o mesmo para toda as línguas naturais, com complexidade articulatória crescente até em torno dos 5 anos de idade (Otero, 2005).

Alterações de linguagem atingem de 3 a 17% das crianças. Quanto a sua etiologia, podem estar envolvidos fatores orgânicos, intelectuais e emocionais e, com relativa frequência, outras condições desfavoráveis podem ser concomitantes. Nesse sentido, a estimulação precoce da linguagem pode prevenir distúrbios de aprendizagem e de desenvolvimento (Wren *et al.*, 2016; Horwitz *et al.*, 2003), e a atenção dos pais e cuidadores ao desenvolvimento da fala de seus filhos é um importante preditor para a identificação de quaisquer anormalidades.

As impressões parentais estão diretamente ligadas à detecção de atrasos e à estimulação precoce adequada da linguagem das crianças. Do ponto de vista científico, os pais possuem conhecimentos convergentes com o preconizado em relação ao desenvolvimento da linguagem na primeira infância (Wolff; Goulart, 2013; Simoni *et al.*, 2019). No contexto de realização de nosso estudo, a rede de saúde pública do município não dispõe de fonoaudiologistas, e o acompanhamento da linguagem infantil fica restrito aos marcos de desenvolvimento previstos na Caderneta da Criança (BRASIL, 2015). Nesse sentido, este estudo contribuiu para um olhar mais particularizado sobre a linguagem, caracterizado a partir das impressões parentais.

¹ Título alterado. Título original: “Análise acústica do (r) em coda silábica no interior do sul do Brasil” (PES-2024-0403).

² Graduando em Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Passo Fundo. Contato: gustavo.beilke@estudante.uffs.edu.br.

³ Grupo de pesquisa “Aquisição, aprendizagem e processamento de primeira e segunda línguas”.

⁴ Graduandos(as) em Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Passo Fundo.

⁵ Doutora em Estudos da Linguagem (UFRGS), Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Passo Fundo, contato: athany.gutierres@uffs.edu.br (orientadora).

Objetivo geral

Verificar a percepção de mães, pais e cuidadores sobre o desenvolvimento da linguagem oral de seus filhos.

Metodologia

Participaram do estudo mães e pais de crianças com idade entre 3:0 (três anos) e 12:0 (doze anos) atendidas em ambulatórios de pediatria da Universidade Federal da Fronteira Sul *Campus* Passo Fundo. A amostra foi definida por esgotamento e conveniência, sendo os dados coletados de março a julho de 2025. Após a consulta médica, os pais eram abordados e convidados a participar da pesquisa, sendo o seu consentimento e participação voluntária registrados via assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os instrumentos para a coleta de dados foram: (a) questionário fechado aplicado aos pais, sobre suas informações sociodemográficas e de seus filhos; (b) questionário aberto aplicado aos pais, adaptado do instrumento “Avaliação da Participação e Atividade de Fala de Crianças” (Simoni *et al.*, 2019), contendo quatro perguntas: (i) *Fale um pouco sobre seu filho: o que ele gosta de fazer, como é a rotina dele, quem são as pessoas que mais passam tempo com ele, se ele gosta de conversar...* (ii) *Com que idade seu filho começou a falar?* (iii) *Você considera a fala de seu filho normal para a idade? Você percebe diferenças entre a fala de seu filho e crianças da mesma idade dele?* (iv) *Você considera que seu filho é bem inserido (a) socialmente?* As questões abertas foram gravadas em áudio.

Alguns dos dados dos questionários foram utilizados para fazer a descrição do perfil dos participantes. Os dados advindos das questões abertas sobre percepção da linguagem receberam tratamento qualitativo, seguindo a abordagem da análise de conteúdo (Bardin, 2016): dupla oitiva e anotação das entrevistas; leitura, compreensão e extração de categorias; interpretação, inferências e elaboração de mapa categorial.

Este estudo está vinculado ao projeto “Aquisição, desenvolvimento e alterações na fala infantil”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), em 06 de março de 2025, parecer número 7.422.792.

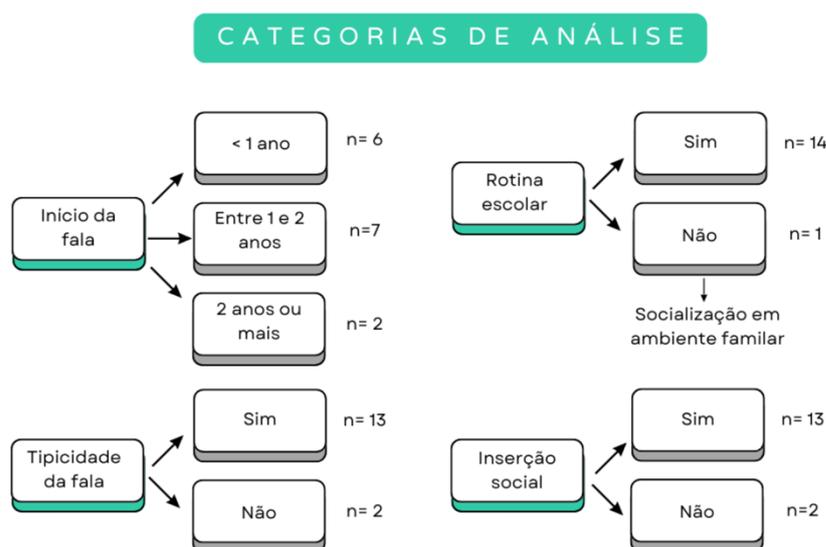
Resultados e Discussão

A amostra foi composta por 14 mães e 1 pai, de idades entre 26 e 49 anos. A maioria era branca (66,6%) e com nível de escolaridade médio (53,3%). Quanto às crianças, elas eram

majoritariamente do sexo feminino (53,3%), brancas (80%) e com idade entre 3 e 9 anos. Com exceção da criança mais jovem, todas frequentam o ensino formal (creche ou escola).

A análise dos dados revelou que as mães e o pai têm uma percepção acurada sobre o desenvolvimento da linguagem oral de seus filhos. Esse achado pode ser confirmado pelo fato de que todos souberam indicar com relativa precisão a idade em que o filho produziu os primeiros sons do português que, em grande parte, foram realizados na idade esperada. Além disso, a maioria das mães e pais forneceram detalhes sobre a fala e as interações de seus filhos pela linguagem. Os relatos de mães e pais foram organizados em quatro categorias: *início da fala*, *tipicidade da fala*, *rotina escolar* e *inserção social* (Figura 1).

Figura 1: Categorias de análise.



Fonte: Própria, 2025.

A Sociedade Brasileira de Pediatria estabelece como desenvolvimento típico aquele em que a criança balbucia entre 6 e 9 meses e tem fala compreensível por pessoas não participantes do ambiente doméstico aos 3 anos (Jovina *et al.*, 2024). Na amostra, segundo relato dos pais sumarizado na subcategoria *Início da fala* (Fig. 1), 6 crianças falaram antes de 1 ano, 7 entre 1 e 2 anos, e 2 após os 2 anos. Acreditamos que os pais lembram da primeira palavra e não de balbucios, que deveriam começar até os 9 meses. Seguindo estes critérios, consideramos o período de início da fala das crianças como adequado, ou seja, todas as crianças investigadas começaram a falar naturalmente, na janela de tempo prevista para o início da produção da fala.

A tipicidade da fala das crianças foi avaliada sobretudo com a percepção dos pais de que

a fala é “normal” para a idade, e sistematizada por meio da subcategoria *Tipicidade da fala* (Fig. 1). A maioria das mães e pais (13 dos 15 participantes) considerou a fala adequada e, dentre esses, 5 consideraram a fala de seu filho avançada, empregando descritores como “perfeito”, “além do normal”, “avançadinho”, “mais pra frente”. É importante destacar que a percepção é uma medida subjetiva, e o fato de a criança estar apresentando interações comunicativas bem sucedidas não necessariamente implica que ela está falando além do que é esperado para a sua idade; algumas vezes, as mães e pais podem associar o “avanço” da fala dos filhos a características individuais, como o fato de a criança ser mais extrovertida, gostar muito de brincar com outras crianças, etc. Dois pais relataram que a fala de seus filhos não é “normal”, portanto, atrasada para a idade. Percebeu-se preocupação desses responsáveis quanto à fala das crianças: “a gente tá sempre tentando corrigi-lo (a fala), exercícios com a língua, né?”, “ele é um menino agitado... não fala praticamente nada pra idade dele”. Esses depoimentos confirmam, novamente, o quanto apurada é a percepção das mães e do pai em relação à fala de seus filhos.

Os hábitos, gostos e brincadeiras das crianças são muito semelhantes entre si, e a rotina da maioria das crianças organiza-se na creche/escola (14/15) e, fora do horário letivo, a presença de avós e familiares de primeiro grau no auxílio aos cuidados e ao tempo dispendido com a criança (subcategoria *Rotina escolar*, Fig. 1). O desenvolvimento da linguagem depende, além de condições biológicas, de um ambiente estimulante e facilitador; nesse sentido, a escola potencializa a interação com crianças da mesma faixa etária (Braz; Ardenghi, 2021).

A inserção social (subcategoria *Inserção social*, Fig. 1) das crianças foi percebida como “boa” para 13 mães e pais e “limitada” para apenas 2, sendo que estes pais reportaram atraso de linguagem nos filhos, relacionando-os a descritores como “agitado” ou “tímido”. Dados da literatura (Simoni *et al.*, 2019) indicam que o atraso de fala impacta a interação da criança, sobretudo em ambiente não doméstico. A percepção dos pais quanto à “boa” inserção social está relacionada ao convívio “normal” com as pessoas dos ambientes nos quais a criança está presente, independentemente de este espaço ser a escola ou a casa de familiares. Destacamos a relevância da escola como o ambiente social de excelência para a aprendizagem coletiva de vivências, regras, diversidade e, principalmente, de interações variadas por meio da linguagem.

Conclusão

Nosso estudo demonstrou que as mães e pais estão atentos e possuem percepção acurada

sobre o desenvolvimento da linguagem oral de seus filhos. Etapas futuras desta pesquisa incluem a transcrição completa das entrevistas, a ampliação do banco de dados, e outras análises que possam explorar relações entre o desempenho linguístico das crianças, a percepção das mães e pais a descritores sociais, de saúde e de comportamento associados.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Saúde. *Caderneta de Saúde da Criança: Passo a passo para o uso*. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: https://bvms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderneta_saude_crianca_menino_2015.pdf. Acesso em: 05 ago. 2025.
- BRAZ, V. D.; ARDENGHI, L. G. A influência do ambiente escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem em crianças de 2 a 3 anos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.12, p. 117766-117776, 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/41418>>. Acesso em: 23/08/2025.
- CASTAÑO, J. Bases neurobiológicas del lenguaje y sus alteraciones. **REVISTA DE NEUROLOGIA**, v36, e8, p.781-785, 2003. Disponível em: <<https://www.neurologia.com/36/8/10.33588/rn.3608.2002206>>. Acesso em: 15/08/2025.
- HORWITZ, S. MC. et al. "Language delay in a community cohort of young children." **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, vol. 42, e8, p.932-40, 2003. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12874495/>>. Acesso em: 15/08/2025.
- JOVINA, A. et al. Meu filho tem três anos e não fala! n 148, 2024. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/24295c-DC_Meu_filho_tem_tres_anos_e_ao_fala.pdf>. Acesso em: 15/08/2025.
- OTHERO, G. A. Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança. **REVEL**, v. 3, n. 5, 2005.
- SIMONI, S. N. et al. Impacto dos distúrbios dos sons da fala: a percepção da família e da criança. **REVISTA CEFAC**, v 21, e 3, p. 107-18, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rcefac/a/pCptq3GZns6zSTcg7SDxT9J/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15/08/2025.
- WOLFF, G. S.; GOULART, B. N. G. de. Percepção dos Pais Sobre os Distúrbios Fonoaudiológicos na Infância. **Journal of human growth and development**, v 23, n 2, 2013. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/jhgd/article/view/61293>>. Acesso em: 15/08/2025.
- WREN, Y. et al. "Prevalence and Predictors of Persistent Speech Sound Disorder at Eight Years Old: Findings From a Population Cohort Study." **Journal of speech, language, and hearing research: JSLHR**, v 59, e 4 p. 647-73, 2016. Disponível em: <<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5280061/>>. Acesso em: 15/08/2025.

Palavras-chave: percepção dos pais; desenvolvimento da linguagem; desenvolvimento infantil.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2024-0403

Financiamento: UFFS